

que atuei foi mais a Filosofia da Educação, mas na pós-graduação a organização dos currículos é diferente. Agora eu estou atuando na graduação na pedagogia, na História da Educação, e na História da Educação não se trata apenas de resgatar datas, nomes, correntes, etc, mas de inserir a história da educação em um processo mais amplo, que é um processo cultural, político, social. Eu considero que a educação brasileira como processo sempre foi dialética, com a dominância, não tanto historicamente na educação, no compromisso com o povo, com as classes populares, mas, sobretudo, com a classe dominante, com o privilégio. Evidentemente que não podemos ser exclusivistas e dizer que ela é totalmente comprometida, as coisas são dialéticas. Hoje em dia há muitas correntes pedagógicas, tanto no campo da teoria quanto da prática no Brasil e, me posicionando com relação a uma pedagogia da libertação, uma pedagogia do oprimido, a pedagogia de Paulo Freire, eu confesso, com certa segurança, que é neste sentido que a pedagogia de Paulo Freire não é hegemônica, uma pedagogia comprometida com as classes populares não é uma proposta hegemônica no nosso país, embora haja esforços neste sentido e haja políticas sinceras, sobretudo da parte dos governos populares em nível nacional, estadual e municipal. Eu diria que a pedagogia de Paulo Freire sofre muitas restrições, hoje, muito mais no nosso país do que em outros países.

P - A obra de Paulo Freire mostra que a divisão de classes impede o acesso de todos à educação. O senhor acredita que esse seja o maior problema da educação no Brasil?

R - Se não é o maior problema é um dos maiores, porque seríamos idealistas se quiséssemos dizer que não há mais classe. Esses dias mostraram no 'Fantástico' cenas de despejo, de sem-teto, e depois as pessoas (jornalistas) indo procurar, entrevistar essas pessoas, os que conseguiram moradia, os que não conseguiram e, em um certo momento, deram um dado que é estupefante: há sete milhões de famílias no Brasil sem-teto. Logo depois da morte de Paulo Freire eu fui entrevistado pela jornalista do CPERS, do Centro de Professores do Rio Grande do Sul, e a última pergunta que ela me fez foi: "Professor Balduino, muitos críticos de Paulo Freire dizem que ele está superado", e

eu disse "eu torço que Paulo Freire seja superado, que todos nós os seus estudiosos, afinal, sejamos superados, aqueles que procuram fazer uma educação na proposta dele, sejam superados pelos fatos, pelos acontecimentos, pela história, e não o blá, blá, blá dos críticos levianos". Quando não houver mais grandes populações passando fome, gente sem-teto, gente discriminada pela cor, pela religião, quando não houver mais pobreza, miséria, então Paulo Freire estará superado. Todos nós estaremos superados, eu estarei feliz e nós estaremos felizes. Até que esta sociedade não tenha acontecido ou não aconteça, nós somos e continuaremos a ser desafiados, em primeiro lugar, por nossa consciência humana, por nossa consciência cristã ou de outra crença, e desafiados por Paulo Freire. Ele nos desafia, ele não nos deu receitas. Depois do meu doutorado na Bélgica, eu trouxe um Atlas ilustrativo de todas as situações possíveis no mundo, armamento no mundo, produção agropecuária, produção industrial, os níveis de renda dos assalariados e, os dois países naquela ocasião, e acredito que as coisas não tenham mudado muito, onde os desníveis eram mais gritantes, mais escandalosos, era a Serra Leoa, na África e o Brasil. Então, as distâncias são demais, as diferenças são de mais, é inútil querer negar de qualquer maneira que há uma elite, e uma elite que não quer deixar de ser elite. Eu não sou nenhum dualista para dizer que de um lado estão os bons, do outro estão os maus, pois existem empresários que têm muita responsabilidade para o social. Mas, evidentemente, nós vivemos numa sociedade com muita discriminação, muita exclusão e está aí o desemprego, os sem-teto, os sem-terra, o MST, as discussões que há em torno do MST, mas é uma realidade. Eles estão procurando terra, querem trabalhar, e quando dizem que há muitos que estão no MST que vieram da cidade, e daí, a maioria dos que estão excluídos na cidade, marginalizados na cidade, possivelmente são vítimas do êxodo rural.

P - Que papel o senhor acha que a educação possui para o crescimento e desenvolvimento do país?

R - Vou me utilizar de Paulo Freire para responder esta questão. Quando ele começa a terceira carta pedagógica diz: "cinco adolescentes mataram hoje barbaramente um índio patachó que dormia tranquilo na estação de ônibus em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando, coisa estranha, brincando de matar". Mais adiante de novo: "Que coisa estranha, brincando de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses mocinhos *desgentificando-se*". Ele criou um neologismo que quer dizer deixando de ser gente. E aqui a frase que eu queria salientar: "se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tão pouco a sociedade não muda". Então ela é essencial para a mudança, agora não podemos ser idealistas, vamos planejar a educação e ela sozinha vai transformar.

Não, a mudança tem que ser a partir de todos os setores. Temos que mudar as estruturas, as formas de produção.

Temos que mudar as relações de trabalho nas empresas, em todos os campos do trabalho, mesmo na universidade, pois quais são as relações de trabalho que há na universidade? Como é que se relacionam os docentes com os servidores, com a direção, como é que é isso? Temos que mudar a cultura, transformar a cultura, que a cultura não seja a cultura dominante, mas que seja no sentido global. Cultura popular não quer dizer uma cultura inferior, mas a cultura comprometida com as classes populares e que nascem da experiência histórica do povo. Evidentemente que a luta dos governantes é em todos os setores, se é que eles estão comprometidos com o desenvolvimento, que não é apenas desenvolvimento econômico, numa linha da economia perversa do mercado e da globalização, do neoliberalismo, mas um desenvolvimento no sentido global e, acima de tudo, desenvolvimento da pessoa humana e de todas as pessoas humanas, com os mesmos direitos, e de melhores formas de vivência humana e social e nisso a educação é essencialmente política e o Paulo Freire a vê assim.

"A Educação sozinha, não transforma"

